

O FILOSOFAR MAIS PRÓXIMO DA POESIA: UMA INVESTIGAÇÃO DE ENCONTROS

THE PHILOSOPHY CLOSER TO POETRY: AN ENCOUNTER INVESTIGATION

José Carlos da Silva Sales¹
Solange Aparecida de Campos Costa²

Recebido: 08/2019
Aprovado: 11/2019

Resumo: A relação que se pretende desenvolver aqui, repousa em discorrer o vínculo possível entre os campos literário e filosófico, pressupondo uma vizinhança já estabelecida na modernidade entre elas, ou seja, reconhecer que a filosofia não está oclusa em seu domínio, e que, não somente inaugurou tantas outras disciplinas como também, ainda dialoga com elas. Por mais que a filosofia e a poesia nos apontem diferenças há tanto tempo defendidas, veremos que elas podem trabalhar harmoniosamente, e que esse embate dicotômico vem a firmar que, mesmo a poesia sendo mais antiga que a filosofia, não há hierarquia, ambas trabalham dentro das suas próprias características, e que o movimento de diálogo com as demais áreas desencadeará um conhecimento profícuo.

Palavras-chave: Filosofia; Poesia; Relação; Pensamento

Abstract: The relationship to be elaborated here, rests on discussing the possible link between the literary and philosophical fields, presupposing a neighborhood already established in modernity between them, in other words, recognizing that philosophy is not an occluded domain, and that, not only inaugurated so many other disciplines, as well as, still dialogues with them. As much as philosophy and poetry point out differences that have been argued for so long, we notice that they can work harmoniously, and the dichotomous clash comes to the conclusion that even though poetry is older than philosophy, there is no hierarchy, both work within its own characteristics, and that the movement of dialogue with the other areas will trigger a useful knowledge.

Key-words: Philosophy; Poetry; Relation; Thinking

Considerações iniciais: do valor da filosofia

A proposta desse dossiê retrata o momento de tensão política que atinge a educação

¹ Graduado em Letras-Ingês pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), jcsilvasales@gmail.com

² Doutora em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora de Filosofia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Membro permanente do Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (PPGFIL-UFPI), solange@phb.uespi.br

brasileira na atualidade, sobretudo na área de humanidades. Não recorro de outro momento histórico em que fosse tão necessário defender a filosofia, demonstrar sua viabilidade, caracterizar sua utilidade. A todo tempo os professores e alunos de filosofia são instados a explicitar qual o benefício essa senhora tão antiga trouxe ao conhecimento e qual a função que ela ainda exerce hoje. Decidimos, frente a esse cenário, não recorrer a uma resposta meramente utilitária, mas demonstrar que a filosofia acompanha o desenvolvimento do próprio pensamento humano ao longo do tempo, permitindo também que, no diálogo com as outras áreas, delinheie seu espaço e seu valor. Assim, propomos pensar a relação entre a filosofia e a poesia como forma entender não apenas a relevância de cada uma delas em separado, mas como se frequentam e interagem, demonstrando que para a construção do conhecimento nenhuma área é menor ou menos importante.

Filosofia e poesia: entrecruzamentos

A relação entre a filosofia e a poesia remonta às mais antigas expressões do homem e ainda que elas tenham, ao longo do tempo, trilhado caminhos diferentes, parece entre elas existir sempre uma vizinhança necessária e ancestral. Da mesma maneira, vale ressaltar que, mesmo antes de trilhar caminhos diferentes, i.e., antes do nascimento da filosofia, os poetas gregos eram os mestres da verdade, eles encenavam com excelência a suficiente arte de cantar o passado, o presente e o futuro, ecoando uma produção que já trazia em germe a reflexão filosófica. É devido a esse caráter que intercambiava entre a sabedoria de poetizar o presente e a mística em espelhar o futuro, que surge a filosofia, na tentativa de gerar questionamentos de natureza racional sem a apresentação mítica ou estética característica da poesia.

Sabe-se que a poesia é mais antiga que a filosofia, mas isso não significa que exista primazia de uma sobre a outra, mas justamente mostra o enlace antigo entre elas que, de certa forma, aponta o princípio do filosofar ocidental enredado na poética grega³. Nesse sentido, a Filosofia, aliada à poesia, é o principal testemunho, e a mais bela criação do espírito grego, como afirma Jaeger (2010, p.12, grifo nosso):

Nela [na filosofia] se manifesta da maneira mais evidente a força que se encontra na raiz do pensamento e da arte grega, a percepção clara da ordem

³ É importante ressaltar aqui o papel determinante que as poesias épicas e líricas exerceram na Grécia Antiga. Os poemas de Hesíodo (750-650 a. C.), a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero (928-898 a. C.) foram fundamentais para a formação do homem grego. Nesse sentido elucida Hartog (2004, p.25): “Na Grécia, tudo começa com a epopéia, tudo é inaugurado com ela e permanecerá ao longo dos séculos sob o signo de Homero”

permanente que está no fundo de todos os acontecimentos e mudanças da natureza e da vida humanas. Todos os povos criaram o seu código de leis; mas os gregos buscaram a “lei” que age nas próprias coisas, e procuraram reger por ela a vida e o pensamento do homem. O povo grego é o povo filosófico por excelência. A “teoria” da filosofia grega está intimamente *ligada à sua arte e à sua poesia*. Não contém só o elemento racional em que pensamos em primeiro lugar, mas também como indica a etimologia da palavra, um elemento intuitivo que apreende o objeto como um todo na sua “idéia”, isto é, como uma forma vista.

A literatura, neste aspecto, também surge a partir da poesia, pois não há entre os gregos uma separação completa e definitiva entre os gêneros poéticos, de modo que poetar é narrar tal como o faz, igualmente, a literatura. A filosofia, a seu tempo, emerge na Grécia Antiga com os chamados pensadores originários, que buscam explicitar o mundo a sua volta a partir do pensamento livre e bem fundamentado. Nas palavras de Heráclito: “Um, o saber: compreender que o pensamento, em qualquer tempo, dirige tudo através de tudo” (2005, p.69, fr. 41), assim, o pensamento, seja assumindo sua expressividade na forma do canto às musas, dos aforismos de Heráclito (na referência a Sibila)⁴ ou nas alegorias platônicas, para brevemente exemplificar aqui, foi ele capaz de iniciar as engrenagens e dirigir a experiência primeira da reflexão sobre a condição humana, seja como um herói⁵ ou como sábio.

A filosofia e a poesia receberam ao longo do tempo diferentes conceitos que determinaram, a partir deles, também variadas finalidades. Cada domínio ou área do saber apresenta uma concepção, estes são muitas vezes divergentes entre si. Assim, entrar nessa seara é uma tarefa extremamente laboriosa e exaustiva. No entanto, é preciso determinar o lugar do qual partem nossas reflexões sobre essas duas antigas senhoras.

Segundo Benedito Nunes, entende-se como “poesia” “o sentido estrito de composição verbal, vazada em gênero poético, tal como isso se entende desde o século XVIII, mas

⁴ É importante frisar que Heráclito, apesar da crítica que faz a Homero e aos poetas líricos nos seus textos, como no fragmento 42, no qual assevera: “Este Homero deve ser expulso dos concursos e bastonado, este Aquíloco também.” (2005, p. 69, fr. 42)”, faz uso de um estilo muito próximo do poético, com seus intrincados fragmentos. Um deles trata justamente da figura da Sibila, uma espécie de sacerdotisa com dons oraculares que, tal como o próprio Heráclito, profere mensagens poéticas que precisam ser interpretadas pelos seus ouvintes. Afirma, assim, Heráclito no fragmento 92: “E a Sibila com voz delirante, fala entre caretas” (2005, p.83, fr. 92). Ou no fragmento seguinte: “O Autor, de quem é o oráculo de Delfos, não diz nem subtrai, assinala o retraimento”. (2005, p.83, fr. 93)

⁵ Outra importante contribuição para essa profícua relação entre poesia e filosofia é, sem dúvida nenhuma, o teatro grego. Nascida no século V a. C., as representações teatrais além de reunir os cidadãos atenienses ao longo do período dos festivais, nos quais os tragediógrafos, mostrando sua maestria competiam entre si; também eram uma forma de manter viva a tradição oral, repassada pelo mito, mas com forte influência da filosofia, como por exemplo, a sofística, tão presente nos textos de Sófocles e Eurípidas. Assim, o herói grego apresentado nos poemas homéricos, também era representado nas tragédias, sem prescindir dos elementos filosóficos da época, como a retórica e a persuasão de Górgias e Protágoras, por exemplo.

designando, também, no sentido lato, o elemento espiritual da arte.” (NUNES, 2011, p.8) Esse sentido extraído do campo poético não contempla apenas a escrita, como se pode erroneamente imaginar, mas também abrange os espaços de expressão trazidos pela arte e não exime outras possibilidades advindas dela.

A noção exposta por Nunes nos permite a aproximação com o pensamento heideggeriano: “Toda arte é, como o deixar-acontecer a adveniência da verdade do [ente] como tal, em essência *poiesis* (*Dichtung*).” (HEIDEGGER, 2010, p. 183)⁶. Contrariamente a *Poësie*, que abrange somente o gênero literário poético, a *Dichtung* assume um sentido mais profundo e autêntico, ultrapassando as particularidades de cada arte. O *dichten*, nesse sentido, concentra o fenômeno gerador primevo, aquele capaz de tirar da inércia a força criativa do ser, e reunir, em toda sua totalidade o acontecimento necessário para deixar advir à essência verdadeira do ente, para em conseqüente, transpô-la na linguagem. Assim, é pela *Dichtung* que poeta se faz interlocutor da poesia, ou seja, é eminentemente na ação que ele se constitui, se faz poeta ao poetar⁷. Assim, a *Dichtung*, a *poiesis*, não se restringe à poesia, mas está presente em toda a arte (teatro, música, literatura, entre outras) que reelabora esse acordo original.

Da mesma forma que a poesia, a filosofia pode ser apreendida em um conceito mais amplo. Segundo Nunes “a ‘filosofia’ designa, seja o pensamento de cunho racional, seja a elaboração reflexiva das concepções do real e de seu conhecimento respectivo” (NUNES, 2011, p.8). Deste modo, a filosofia se desdobra sobre o reconhecimento da verdade fixando seu instrumento de pesquisa na construção de conceitos e na reflexão sobre eles. Dirá a esse respeito Deleuze, no texto *O que é a filosofia?*:

⁶ A nota em tradução trazida por Emmanuel Carneiro Leão, em *Introdução à metafísica* de Heidegger afirma: “A conjunção dos dois verbos *denken* e *dichten* possui em Heidegger um significado profundo e essencial. Num como no outro comportamento do homem a essencialização originária é a mesma. As palavras portuguesas ‘poesia’, ‘poetar’ e ‘poeta’ traduzem mal o que Heidegger quer dizer com *Dichtung* (poesia), ‘*dichten*’ (poetar), *Dichter* (poeta). Em todas elas, ele se reporta à dimensão originária expressa, de alguma maneira, na palavra alemã *dichten*. Etimologicamente *dichten* tem o sentido de ‘colher’, ‘ajuntar’, ‘concentrar’, ‘reunir’. Assim o adjetivo *dicht* significa ‘concentrado’, ‘denso’, ‘compacto’.” (LEÃO, 1969, p. 218). O que Carneiro Leão assinala aqui é justamente para o caráter criador da *Dichtung*, que ultrapassa a fronteira da mera tipificação literária. Poetar é juntar, interligar, reunir pela palavra as coisas, o poeta é aquele, portanto que tem a enorme e nobre tarefa de aproximar os entes evocando neles o ser.

⁷ Marco Aurélio Werle na obra *Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger* escreve uma nota logo no início do seu texto cujo objetivo é explicitar ao leitor o sentido de *Dichtung* usado por Heidegger para definir esse modo especial do fazer poético. “A poesia enquanto *Dichtung* possui uma abrangência de conteúdo muito maior que a poesia enquanto *Poësie*, pois esta perfaz somente um setor ‘ôntico’, literário da *Dichtung*, que, por seu lado, sempre envolve toda a produção relativa à arte e à sua essência como abertura de mundo. *Dichtung* provém de *dichten*: ‘aproximar’/‘juntar’/‘fabular’, no sentido do caráter poético imanente à postura humana fundamental diante da abertura do mundo.” (WERLE, 2005, p. 25, nota 1). Aí novamente se acentua o caráter ontológico da *Dichtung*, normalmente traduzida por composição cujo sentido busca se referir a essa relação primeva entre as coisas. Talvez por isso toda poesia grega se inicie com o canto das musas, que reestabelecem no embalo das palavras à junção originária da ordem do mundo.

O filósofo é o amigo do conceito, ele é o conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo, como àquele que o tem em potência, ou que guarda a sua potência e competência. (DELEUZE, 2016, p.11)

Sendo assim, de modo geral, pode-se afirmar que o filósofo assume o papel daquele que autentica e perscruta essas elaborações conceituais através do pensamento a fim de se apropriar do conceito de verdade. Ao elaborar os conceitos, o filósofo estabelece pontes entre o pensamento e as coisas. No entanto, pensar em questões e refletir sobre elas é um gesto valorizado também em outras áreas do conhecimento, pois questionar é o elemento propulsor detrás de todo caráter científico.

Para nos desvencilhar, portanto, de um a simplificação do conceito genérico de filosofia, cumpre lembrar a definição tomada por Bonaccini, segundo a qual:

A filosofia ensina a perguntar por aquilo que ninguém pergunta, trazendo assim clareza acerca de questões que nem o senso comum nem as ciências podem colocar satisfatoriamente, e muito menos responder, e que as religiões acreditam de antemão ter respondido (BONACCINI, 2005, p.9)

Ao tomarmos essa postura, obtemos a clara afirmação de que a filosofia toma prestígio em ser aquela que tem íntima ligação com o nascimento de tantas outras disciplinas. A “maternagem” exercida por ela toma como princípio primeiro a questão original antes não postulada, aquela possibilidade na qual tudo pode vir a ser. O filósofo é aquele que procura o princípio de fundamento de toda pergunta⁸ e é por essa razão que ousamos dizer que não há um objeto unívoco na filosofia, e sim, como sustenta o autor:

(...) um objetivo, uma finalidade que consiste em resgatar em cada momento histórico um certo tipo de questionamento que os outros âmbitos da

⁸ Mais adiante dirá Bonaccini (2005, p. 11) que a filosofia coloca problemas porque questiona princípios, assim ela busca elucidar questões fundamentais: “Ora bem, se são questões fundamentais porque se dirigem ao princípio fundamental antes que a qualquer outro princípio, e porque permitem inclusive questionar o fundamento do próprio “questionar”, e se podem ser simultaneamente consideradas como instâncias da atitude peculiar do questionamento filosófico, então este modo especial de questionar poderia ser conceitualmente delimitado em princípio como aquilo que gostaríamos de chamar *a questão pelo fundamento enquanto tal*.” Aí se estabelece o lugar do pensamento filosófico, ele é aquele que se debruça sobre o fundamento, sobre a base originária das coisas no mundo.

civilização e da cultura não estão em condições de colocar nem muito menos de responder, uma vez que ele se alimenta a um só tempo de uma tradição de longa data (no modo de questionar) e das urgências do momento tal como são vistas por esta atitude (no modo de formular os problemas e as respostas). (BONACCINI, 2005, p.6)

Presas a essas tradições, o modo de questionar e a busca em responder se debatem dentro de um único objeto comum àquela disciplina, atendendo somente o que urge em sua especificidade, utilizando-se somente das ferramentas que dispõe esta ou aquela cadeia de conhecimento. A filosofia, no entanto, interroga as demais possibilidades, dialoga livremente com a formulação dos problemas, utiliza-se do momento histórico, da cultura, mas também nos apresenta uma nova posse, um novo ângulo, mostrando-nos o que nela pode ser diferente.

As duas atividades são capazes de assentar e discorrer sobre a formação do caráter constitutivo do homem no mundo; poesia e a filosofia, nesse sentido, parecem surgir como domínios capazes de atingir um objetivo equivalente, que aqui ousamos definir provisoriamente como alcançar o belo e chegar à verdade. Podemos definir aqui o belo como aquele que “teria esse poder de transportar-nos para fora do mundo sensível, em direção ao inteligível” (BOCAYUVA, 2011, p.19) e a tarefa dos pensadores, como aqueles que são capazes de “tomar o ser das coisas em sua totalidade e encarnar a obra em sua plenitude” (HEIDEGGER, 2010, p. 89). Ao tomarmos esse sentido, os objetivos apresentados acima formam possibilidades de entrecruzamento capazes de tecer um conhecimento transformador.

Mesmo que cada uma se ocupe de discursos próprios para atingir suas determinadas finalidades, a filosofia assumindo um caráter analítico e conceitual, e a poesia através da imaginação, adotando uma escrita metafórica, historicamente essas duas atividades ora traçam o mesmo caminho outrora não só se dividem, como também disputam o lugar de melhor mediadora do ser com a verdade. Apesar dos diferendos que possamos apontar, filosofia e poesia se constroem ao longo da história como pilares vizinhos que sustentam e apoiam a constituição do conhecimento humano, mesmo que dentro dessa trajetória haja momentos em que é possível apontar aproximações e distanciamentos. Essas duas linhas de expressividade apenas nos mostram formas alternativas de manifestação e que, ao caminharem juntas ao longo da história, construíram conceitos indelévels gerando momentos fecundos de criação.

Encontramos momentos elucidativos na história em que essas duas atividades pretendiam tomar caminhos isolados, e esses desdobramentos que ocorreram durante um tempo servem como recortes imprescindíveis para que possamos analisar a vivacidade do pensamento e a criação de novas questões, o que torna ainda mais possível identificar os elementos que as

unem e quais semelhanças perpassam essas duas áreas, posto que haja esse distanciamento. Segundo Heidegger:

Teremos, contudo, de nos satisfazer com a suposição de que a vizinhança de poesia e pensamento abriga-se nessa imensa divergência entre ambos os modos de dizer. Essa divergência é o seu modo próprio de encontro face a face. (...) Na verdade, porém, poesia e pensamento estão em sua essência divergente sustentadas por uma diferença terna e clara, no próprio de sua obscuridade: duas paralelas, uma em referência à outra, uma frente à outra, uma ultrapassando a seu modo a outra. Poesia e pensamento não estão separados quando por separação se entende: cortados numa ausência de relacionamento. As paralelas encontram-se no infinito. (HEIDEGGER, 2003, pp. 152-153)

Ao se aproximarem na distância, caminharem rumo ao desconhecido e se relacionarem na separação, filosofia e poesia criam um espaço produzido por essas divergências, é nele que podemos conceber o nascimento do indizível, do inenarrável e o êxtase do vazio, que sustenta o vigor seminal tanto da poesia como da filosofia. A obscuridade de que fala Heidegger na citação acima, mais do que esconder, é o que garante a unidade de cada uma, permitindo que não se percam na relação que mantém entre si e, ao mesmo tempo, sustentem a potência sempre geradora de cada uma. Ao enfatizar essa dicotomia, Bornheim apresenta que:

Pode-se dizer que a filosofia e poesia partem da admiração ou da admiração contrariada, o que é o mesmo. Pode-se dizer também que ambas vivem de perguntas. Mas o filósofo busca, de alguma maneira, a resposta o que não acontece com pergunta poética: o poeta responde às coisas no sentindo que as esposa, antes de toda pergunta filosoficamente entendida. Para o pensador, a pergunta surge, já no seu ponto de partida, como que “pertubada” pelo espírito crítico inerente à atividade filosófica. Por aí já se percebe que precisamente aquilo aproxima poesia e filosofia coincide com aquilo que se separa. (BORNHEIM, 1986, p. 67)

É possível destacar então que, não só aquilo que é semelhante é passível de comparação, o que as separa também gera questionamentos motores que podem aproximar essa vizinhança, ou seja, o que Bornheim reafirma aqui, não é mais o confronto que durante tanto tempo perpetuou essa relação, mas ao contrário, das diferenças advindas dela, reluz uma outra compreensão capaz de colocar o pensador e o poeta em novo local de exploração.

Nesse sentido, afirma Pfeiffer: “É verdade que tanto a poesia como a filosofia se contrapõem à consciência idiomática do comum e do cotidiano, ao não se afastarem da oculta profundidade das palavras.” (PFEIFFER, 1951, p. 27). A autora nos assinala um dos elementos

em comum nos quais se mostra possível uma equiparação entre as duas áreas, e aqui a linguagem é o que está disponível para ambas. A palavra, dentro da sua profundidade, permite o dizer, é ela que sustenta a fala que reúne poesia e filosofia. No entanto, vigora também no horizonte da linguagem o não-dizer, como exemplifica Blanchot “assemelha-se ao eco, quando o eco não diz apenas em voz alta o que é primeiramente murmurado mas confunde-se com a imensidade sussurrante” (BLANCHOT, 2003, p. 47). Assim a palavra também repercute no vazio, no indizível e nele, o silêncio adquire fala.

Portanto, mesmo que não seja possível apontar um componente exclusivo, capaz de nos mostrar uma ligação concludente entre a filosofia e poesia, é possível apontar diversificados elos, que ao longo do tempo foram capazes de gerir acontecimentos poéticos e filosóficos, que ainda ressoam nos dias atuais.

Nessa medida, então, analisar as simbioses que permeiam a relação entre a filosofia e poesia gera um panorama capaz de criar melhor compreensão sobre a dinâmica de pensamento que clarifica essas duas concepções, pois ao justapor esses dois campos de estudo, pode-se compreender que as narrativas literárias, juntamente com as linhas de reflexão filosófica, podem trabalhar em analogia à compreensão do entendimento do mundo, à construção do ser e à composição da linguagem poética. Sendo assim, apesar desses diferendos, não é difícil de nos depararmos em um esforço comum de linguagem existente nelas.

Assim, uma das descobertas fundamentais aqui, é que, um mergulho em direção à uma linguagem que apenas se debate no esforço de compreensão, somente cumpre o seu grande vigor limítrofe de expressão. Desvencilhar-se desse esforço, e buscar o alívio que se encontra no mundo precedente das palavras, é uma ambição que busca encontrar nossa própria realidade. Portanto, é correto dizer que, aderir a esse caminho invisível, é um dever que conta com as qualidades e atributos tanto do camponês, como do poeta ou do filósofo, pois, acima de tudo, a linguagem é nossa morada mais própria.

Considerações finais

As discussões precedentes revelaram que tanto a poesia como a filosofia possuem um solo comum que é justamente o cuidado com a palavra. Esse cuidado se exerce não apenas na fala, no fazer comunicativo, mas numa espécie de manutenção do vigor criador da linguagem.

Se é preciso defender a filosofia então, há que se admitir, antes de tudo, que a tarefa do pensador não é apenas o da investigação rigorosa sobre a essência das coisas, mas a preservação

do sentido originário da linguagem. É nessa senda que Heidegger afirmará que: “A linguagem é a casa do ser. Nessa habitação do ser mora o homem”. (1979, p. 149). Se a linguagem é, portanto, o que permite a vizinhança entre a poesia e a filosofia, tal como defendemos ao longo desse artigo, isso só é possível porque ambas antes se detêm nesse trabalho atento e primoroso com a linguagem, de modo a resguardar a força que lhe é inerente. De todo modo, ao que parece, a filosofia não é nem melhor ou pior do que nenhuma outra ciência, principalmente se usamos o critério de uma funcionalidade objetiva, mas de todo modo, é preciso reconhecer que a lida com a linguagem que a filosofia exerce, juntamente com outras ciências humanas, possibilitou e instigou o pensamento humano ao longo do tempo e é o que até hoje nos salva de qualquer obscurantismo.

Referências

- BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BOCAYUVA, Izabela. **Filosofia e Arte na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: Hexis, 2011.
- BONACCINI, J. A. **Sobre a Natureza da Filosofia**. *Metacrítica*, Lisboa:vv. III, n.6, 2005.
- BORNHEIM, Gerd. Filosofia e Poesia. In: **Metafísica e Finitude**. São Paulo: Perpectiva, 1986.
- CHÂTELET, François. **A Filosofia Pagã**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 2016.
- HARTOG, François. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga**. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- HEIDEGGER, M. **Sobre o Humanismo**. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os pensadores, 1979.
- HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de Arte**. Trad. Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro São Paulo: Edições 70, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, 2ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2 edições, 1969.
- HERÁCLITO. In: ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. **Os pensadores originários**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JAEGER, Werner. **Paideia**: A formação do homem grego. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Introdução e Notas. In: HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Tempo Brasileiro. 1969.

NUNES, Benedito. **Poesia e Filosofia**: uma transa. A palo seco : escritos de filosofia e literatura. Vol. 1, n3, Aracaju: 2011.

PFEIFFER, Johannes. **La Poesía**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1951.

WERLE, Marco Aurélio. **Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger**. São Paulo : UNESP, 2005